

Carlos Ruiz Zafón

As Luzes de Setembro

Tradução
Maria do Carmo Abreu

Uma nota do autor

Amigo leitor

Às vezes, os leitores recordam melhor uma obra do que o seu autor. Recordam as suas personagens, os seus conflitos, a sua linguagem e as suas imagens com uma benevolência que desarma o romancista, que começa a esquecer tramas e cenas que escreveu talvez há mais anos do que desejaria. Isso acontece-me às vezes com os três primeiros romances «juvenis» que escrevi e publiquei durante a década de 1990, *O Príncipe da Neblina*, *O Palácio da Meia-Noite* e este *As Luzes de Setembro*, que agora tem nas mãos. Sempre me pareceu que estes três livros formavam um ciclo de histórias com muitas coisas em comum e que, de certa maneira, tentavam parecer-se com os livros que gostaria de ler na minha adolescência.

Escrevi *As Luzes de Setembro* em Los Angeles, entre 1994 e 1995, com a intenção de completar alguns elementos que me parecia não ter sabido resolver como gostaria em *O Príncipe da Neblina*. Ao revê-lo hoje apercebo-me de que o romance tem mais elementos de construção cinematográficos do que literários, e que para mim estará

sempre vinculado às longas horas que passei na companhia das suas personagens em frente de uma secretária que olhava do terceiro andar da Melrose Avenue e de onde via as letras de Hollywood nas colinas.

O romance foi concebido como uma história de mistério e aventura para leitores que, como os espectadores da maioria dos filmes que me rondavam na cabeça nessa altura, eram jovens de espírito e, com sorte, também de anos. Nada disso mudou depois de todo este tempo.

O que mudou, e já era altura de que assim fosse, é que pela primeira vez desde 1995 este romance aparece publicado numa edição digna e em condições de honestidade e decoro que lamentavelmente nunca teve.

Confio que desfrute, quer seja um leitor jovem ou que deseje voltar a lê-lo. Gosto de pensar que, com a sua ajuda, serei capaz de recordar agora melhor este romance e os dois que o precederam e que poderei permitir-me o luxo de voltar a viver a aventura de *As Luzes de Setembro* e daqueles anos em que eu também me julgava jovem e em que as imagens e as palavras pareciam ser capazes de tudo.

Boa leitura e até à vista.

Maio de 2007.

CARLOS RUIZ ZAFÓN

Querida Irene,

As luzes de Setembro ensinaram-me a recordar os teus passos a desvanecer-se na maré. Sabia já então que o rasto do Inverno não tardaria a apagar a miragem do último Verão que passámos juntos na Baía Azul. Surpreender-te-ia verificar o pouco que mudou desde então. A torre do farol continua a erguer-se como uma sentinela entre as brumas, e a estrada que bordeja a Praia do Inglês é apenas um pálido caminho que serpenteia por entre a areia rumo a parte nenhuma.

As ruínas de Cravenmoore insinuam-se sobre o arvoredo do bosque, silenciosas e envoltas num manto de obscuridade. Nos cada menos frequentes dias em que me aventuro baía adentro no veleiro, ainda consigo ver os vidros rachados nas janelas da ala oeste, brilhando como sinais fantasmagóricos por entre a neblina. Às vezes, enfeitiçado pela memória daqueles dias em que ao cair da tarde sulcávamos a baía de regresso ao porto, parece-me ver de novo as luzes a tremeluzir na escuridão. Mas sei que já não há ninguém ali. Ninguém.

Interrogar-te-ás sobre o que terá sido da Casa do Cabo. Pois bem, continua ali, isolada, enfrentando o oceano infinito do vértice do cabo.

No Inverno passado um temporal destruiu o que restava do pequeno embarcadouro da praia. Um abastado joalheiro vindo de alguma cidade sem nome viu-se tentado a adquiri-la por um valor irrisório, mas os ventos de poente e o embate das ondas nas escarpas encarregaram-se de o dissuadir. O salitre deixou a sua marca na madeira branca. O carreiro secreto que ia dar à lagoa é agora uma selva impenetrável, cheia de arbustos selvagens e ramos caídos.

Todas as tardes, quando o trabalho no cais mo permite, pego na bicicleta e vou até ao cabo para contemplar o crepúsculo do alpendre suspenso na escarpa: só, eu e um bando de gaivotas que parecem ter adjudicado o papel de novos inquilinos sem passar por nenhum escritório de notário. Dali ainda se pode ver a Lua desenhar uma grinalda de prata até à Gruta dos Morcegos quando se ergue no horizonte.

Recordo que uma vez te falei desta gruta e te contei a fabulosa história de um sinistro pirata corso cuja embarcação foi engolida pela gruta numa noite de 1746. Menti. Nunca houve nenhum contrabandista nem pirata arruaceiro que se aventurasse nas trevas daquela gruta. Em minha defesa, posso dizer que essa foi a única mentira que ouviste dos meus lábios. Embora provavelmente o soubesses desde o princípio.

Esta manhã, enquanto remendava um molho de redes presas no recife, aconteceu outra vez. Por um segundo julguei ver-te no alpendre da Casa do Cabo, olhando para o horizonte em silêncio, como gostavas de fazer. Quando as gaivotas levantaram voo, verifiquei que não havia ninguém ali. Mais adiante, cavalgando sobre as brumas, erguia-se o monte Saint-Michel como uma ilha fugitiva encalhada na maré.

Às vezes penso que todos foram para algum lugar longe de Baía Azul e que eu fiquei aprisionado no tempo, esperando em vão que a maré púrpura de Setembro me devolva algo mais do que apenas recordações.

Não liguês ao que eu digo. O mar tem estas coisas: devolve tudo passado algum tempo, especialmente as recordações.

Creio que, se contar com esta, já são cem as cartas que te enviei para a tua última morada que consegui obter em Paris. Às vezes pergunto-me se recebeste alguma delas, se ainda te lembras de mim e daquele amanhecer na Praia do Inglês. Talvez seja assim, talvez a vida te tenha levado para longe daqui, longe de todas as recordações da guerra.

A vida era muito mais sensata então, lembras-te? O que digo? Com certeza que não. Começo a pensar que sou só eu, pobre tonto, que ainda vivo da recordação de todos e de cada um daqueles dias de 1937, quando ainda estavas aqui, a meu lado...

Capítulo 1

O céu sobre Paris

Paris, 1936

Os que se lembram da noite em que morreu Armand Sauvelle juram que um clarão púrpura atravessou a abóbada celeste, traçando um rasto de cinzas incandescentes que se perdia no horizonte; um clarão que a filha Irene jamais pôde ver, mas que assombraria os seus sonhos por muitos anos.

Era um frio amanhecer de Inverno e os vidros da sala número catorze do Hospital Saint George estavam tingidos por uma fina película de gelo que desenhava umas aguarelas fantasmagóricas da cidade na treva dourada do amanhecer.

A chama de Armand Sauvelle apagou-se em silêncio, sem um suspiro sequer. A sua mulher Simone e a filha Irene ergueram o olhar quando os primeiros fulgores que quebravam a linha da noite traçaram agulhas de luz ao longo do quarto do hospital. Dorian, o filho mais novo, descansava adormecido numa das cadeiras. Um silêncio surpreendente invadiu o quarto. Não foi necessário trocar nenhuma palavra para compreender o que sucedera. Depois de seis meses de sofrimento, o fantasma negro de uma doença cujo

nome jamais fui capaz de pronunciar arrancara a vida a Armand Sauvelle. Sem mais.

Esse foi o princípio do pior ano que a família Sauvelle recordaria.



Armand Sauvelle levou para o túmulo a sua magia e o seu riso contagioso, mas as suas numerosas dívidas não o acompanharam na última viagem. Em breve, uma coorte de credores e toda a espécie de criaturas necrófagas com casaca e título honorífico adquiriram o hábito de cair sobre a morada dos Sauvelle, no Boulevard Haussmann. As frias visitas de cortesia jurídicas deram lugar às ameaças veladas. E estas, com o tempo, aos embargos.

Colégios de prestígio e roupas de impecável acabamento foram substituídos por empregos a tempo parcial e vestuários mais modestos para Irene e Dorian. Era o início da vertiginosa queda dos Sauvelle para o mundo real. A pior parte da viagem, no entanto, caiu sobre Simone. Retomar o seu emprego como professora não chegava para fazer frente à torrente de dívidas que devoravam os seus escassos recursos. Em cada esquina aparecia um novo documento que Armand assinara, uma nova nota de dívida por pagar, um novo buraco negro sem fundo...

Foi então que o pequeno Dorian começou a suspeitar que metade da população de Paris era composta por advogados e contabilistas, uma classe de ratazanas que viviam à superfície. Foi também então que Irene, sem que a mãe tivesse conhecimento, aceitou um emprego num salão de dança. Por algumas moedas (moedas que, de madrugada, metia na caixa que Simone guardava por baixo da pia da cozinha), dançava com os soldados, que eram apenas adolescentes assustados.

Do mesmo modo, os Sauvelle também descobriram que a lista de quem se declarava seus amigos e benfeitores se reduzia como o orvalho ao amanhecer. Contudo, chegado o Verão, Henri Leconte, um antigo amigo de Armand Sauvelle, ofereceu à família a possibilidade de se instalar no pequeno apartamento situado por cima da loja de artigos de desenho que geria em Montparnasse. Deixava o custo do arrendamento por conta de futuras bonanças e em troca de Dorian o ajudar como moço de recados, porque os seus joelhos já não eram o que tinham sido quando era novo. Simone nunca teve palavras suficientes para agradecer a bondade do velho Monsieur Leconte. O comerciante nunca lhas pediu. Num mundo de ratazanas, haviam tropeçado com um anjo.

Quando os primeiros dias do Inverno se insinuaram sobre as ruas, Irene completou catorze anos, embora lhe pesassem como vinte e quatro. Por um dia, empregou as moedas que ganhou no salão de dança para comprar um bolo para celebrar o seu aniversário com Simone e Dorian. A ausência de Armand caía sobre todos como uma sombra opressora. Apagaram juntos as velas do bolo na estreita sala do apartamento de Montparnasse, rogando que, com as chamas, se extinguísse o espectro da má sorte que os perseguira durante meses. Por uma vez, o seu desejo não foi ignorado. Ainda não o sabiam, mas aquele ano de sombras estava a chegar ao fim.



Semanas mais tarde, uma luz de esperança abriu-se inesperadamente no horizonte da família Sauvelle. Graças às artes de Monsieur Leconte e à sua rede de conhecimentos, apareceu a promessa de um

bom emprego para a mãe numa pequena aldeia da costa, Baía Azul, longe da treva cinzenta de Paris, longe das tristes recordações dos últimos dias de Armand Sauvelle. Ao que parecia, um endinheirado inventor e fabricante de brinquedos chamado Lazarus Jann precisava de uma governanta que se encarregasse de tomar conta da sua residência palaciana no bosque de Cravenmoore.

O inventor vivia na imensa mansão, contígua à sua velha fábrica de brinquedos, já fechada, apenas com a companhia da mulher, Alexandra, gravemente doente e acamada num quarto da grande casa há já vinte anos. O ordenado era generoso e, além disso, Lazarus Jann oferecia-lhes a possibilidade de se instalarem na Casa do Cabo, uma modesta residência construída sobre os penhascos no vértice do cabo, do outro lado do bosque de Cravenmoore.

Em meados de Junho de 1937, Monsieur Leconte despediu-se da família Sauvelle no cais seis da estação de Austerlitz. Simone e os dois filhos subiram para bordo de um comboio que os levaria rumo à costa da Normandia.

Enquanto o velho Leconte observava como se perdia o rasto do comboio, sorriu para si mesmo e, por um momento, teve o presentimento de que a história dos Sauvelle, a sua verdadeira história, apenas havia começado.